

Migrantes trocam fome por sonho no DF

Ana Cristina Gonçalves e
Débora Leila

O sonho de uma vida melhor, trocando uma refeição por semana por esmolas dadas todos os dias e a desilusão causada pela seca pelo espírito bom e caridoso dos brasilienses é que traz centenas de migrantes para Brasília. Quando são encontradas nas ruas ou debaixo de pontes pelos assistentes sociais da Secretaria de Desenvolvimento Social e Ação Comunitária essas pessoas carentes, na maioria nordestinas, têm sempre uma resposta para justificar a escolha por Brasília: "As pessoas daqui são muito boas e não nos deixam passar fome".

Mas a secretaria do Desenvolvimento Social, Maria do Barro, vem há muito tempo tentando mostrar a toda sociedade brasiliense e políticos, que a solução para se evitar a migração não está em dar um pouco de comida e agasalho para essas pessoas, e sim fixá-las no local de origem, dando-lhes trabalho. Enquanto essa conscientização não acontece e as decisões políticas não são tomadas, resta mesmo aos moradores de Brasília doar comida e roupa para os carentes.

Os meses em que mais chegam migrantes a Brasília são agosto (para fugir da seca) e dezembro. Segundo o Centro de Apoio Social (CAS), o estado de origem da maioria dos migrantes que chegou a Brasília é a Bahia, com 58 no total, seguido por Pernambuco (42), Goiás (25), Minas Gerais (25), Paraíba (20), Ceará (20), Maranhão (15) e São Paulo (15).

Retorno — Quando são encontrados nas ruas, os migrantes são encaminhados para o albergue de Taguatinga, onde está centralizado o CAS e dali é encontrada uma solução para o problema das pessoas: passagem de retorno ao estado de origem, auxílio-aluguel e emprego. A maioria, entretanto, prefere ir embora de Brasília, mas 30 por cento voltam para tentar mais uma chance aqui na cidade. De janeiro a dezembro, o CAS deu passagem de ônibus para a cidade natal a mil e 900 pessoas, sendo que 452 retornaram depois.

Outra forma de ajuda que tem diminuído por parte do governo é o auxílio-aluguel, quando a FSS paga o aluguel de determinada família por dois ou três meses, "até que ela se estabeleça, o pai arrume um emprego e comece a andar com as próprias pernas", explicou a gerente de Assistência Social, Fátima Teixeira. Porém, de acordo com o diretor do CAS, Janilson Teles, muitas pessoas utilizam mal o auxílio-aluguel, causando mais problemas ainda.

VALDO CAVALCANTI



A fuga da seca associada ao sonho de conseguir emprego, comida e abrigo traz para Brasília centenas de famílias carentes